

# Apresentação: A teoria da História de Karl Marx: uma defesa, de Gerald A. Cohen

ANGELA LAZAGNA\*

## Antecedentes do debate

A obra *Karl Marx's Theory of History: A Defense* (*A teoria da história de Karl Marx: uma defesa*)<sup>1</sup> foi escrita pelo filósofo de origem canadense e naturalizado inglês, Gerald A. Cohen. Em virtude dessa obra, Cohen é considerado, tal como Louis Althusser, na França, o principal filósofo marxista do mundo anglófono, bem como o fundador do *marxismo analítico*.<sup>2</sup> Em 2000, KMTM foi reeditada em uma versão ampliada e revisada. Até o momento, não encontramos traduções dessa obra em francês, alemão ou português.

O debate envolvendo as teses de Cohen, que se sucedeu ao longo das três décadas a partir da publicação de KMTM, está materializado em inúmeros artigos, resenhas e livros. De acordo com Elster, “Por seu livro vigoroso e rigoroso, no qual cada página merece receber comentários acalorados, [Cohen] nos faz penetrar numa paisagem que nós ignorávamos” (Elster, 1981, p.756). Elster chama atenção para o fato de que a filosofia analítica, que se fixa tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, sobretudo a partir do pós-guerra, não privilegiou o marxismo como objeto de análise. Nesse sentido – e ainda segundo Elster –, a obra de Cohen trouxe novos ares ao marxismo, transformando, assim, a “... atmosfera estagnante das intermináveis discussões escolásticas que estiveram prestes a arruiná-[lo]” (Elster, 1981, p.756).

\* Doutoranda em Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas.

1 Doravante referenciada pelas iniciais KMTM. Utilizo nesta apresentação a versão em espanhol, apesar de referenciá-la com as iniciais do título da versão inglesa.

2 O livro organizado por John E. Roemer (1993) reúne as principais preocupações dos marxistas analíticos.

Com efeito, pode-se afirmar que a defesa que Cohen faz do materialismo histórico é considerada original pela esmagadora maioria dos seus interlocutores. Isso também se deve à leitura – *exegética* – que faz do prefácio que Marx escreveu para seu livro: *Para uma crítica da economia política*, mais conhecido como “Prefácio de 1859”. É esse texto que fundamenta o objetivo de Cohen de “... construir uma teoria da história sustentável que esteja, em geral, de acordo com o que Marx disse sobre o tema” (Cohen, 1986, p.XV).

O leitor encontrará no presente Dossiê um texto de Cohen, no qual o autor debate as principais teses presentes em KMT. A esse texto, seguem-se dois artigos que dialogam com aspectos-chave da problemática inaugurada por Cohen. Mas antes de passarmos a eles faremos uma breve exposição das teses centrais presentes em KMT.

### **Gerald A. Cohen e a defesa do materialismo histórico**

As duas principais teses formuladas por Cohen são retiradas do “Prefácio de 1859”.

A primeira é a tese segundo a qual as forças produtivas possuem uma *tendência* a se desenvolverem ao longo da história, o que Cohen denomina de *tese do desenvolvimento*. Se “o desenvolvimento das forças produtivas é, sobretudo, um enriquecimento da capacidade de trabalho humana” (Cohen, 1986, p.163), essa progressão nada tem de acidental, mas está fundamentada, diz Cohen, na racionalidade e na inteligência humana e na escassez econômica. A segunda tese é a *tese da primazia*, segundo a qual a natureza das relações de produção é explicada pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas, já que aquelas se adaptam ao desenvolvimento dessas últimas.

Também encontramos em KMT uma explicação funcional da relação entre *base e superestrutura*. Cohen define a *superestrutura* como “... um conjunto de instituições não econômicas entre as quais se destacam o sistema legal e o Estado” (Cohen, 1986, p.238), e seu nexos com a *base econômica* é assim estabelecido: “... as estruturas legais surgem e desaparecem na medida em que promovem ou frustram certas formas de economia favorecidas pelas forças produtivas” (Cohen, 1986, p.254).

Ao estabelecer uma conexão entre relações de propriedade, relações de produção e forças produtivas, Cohen apresenta uma tese geral, qual seja:

... relações de propriedade determinadas possuem o caráter que possuem em virtude das relações de produção que respaldam as relações de propriedade com esse caráter. [...] as relações de propriedade se transformam para facilitar ou [...] ratificar as transformações das relações de produção. As relações de produção se transformam de modo que as forças produtivas podem ser usadas e/ou devidamente desenvolvidas e as relações de propriedade se transformam para permitir ou estabilizar as transformações requeridas nas relações de produção (1986, p.249).

Defrontamo-nos aqui, segundo Elster, com o núcleo duro da interpretação de Cohen do materialismo histórico: a tese da primazia não se traduz em uma “primazia imediatamente causal” das forças produtivas, mas em uma “*primazia explicativa*”, cujo fundamento é “... a teoria de explicação funcional, segundo a qual pode-se explicar um fenômeno pelos efeitos que ele engendra” (Elster, 1981, p.747).

Uma última observação acerca da primazia explicativa das forças produtivas: ela não elimina da versão de Cohen do materialismo histórico o papel da luta de classes nas transformações sociais. No entanto, a luta de classes não pode ser considerada, ressalta o autor, “... a explicação fundamental da mudança social” (Cohen, 1986, p.164), já que “A revolução não consiste em uma alteração das forças produtivas, mas [...] em uma transformação das relações sociais”; por conseguinte, “A função da mudança social revolucionária é desbloquear as forças produtivas” (Cohen, 1986, p.166). A partir dessa explicação, Cohen se coloca a seguinte questão: *por que é a classe triunfante que triunfa?* “A classe que domina ao longo de um período ou que surge triunfante após um conflito que marca uma época”, explica o autor, “é a classe mais apta, mais capaz e mais disposta para presidir o desenvolvimento das forças produtivas nesse momento” (Cohen, 1986, p.165). Cohen confere, nesse sentido, estatutos diferentes ao papel da racionalidade e da inteligência humanas no desenvolvimento das forças produtivas e na revolução social. Dito de outro modo, se a racionalidade e a inteligência humanas fundamentam o desenvolvimento das forças produtivas, o autor não confere a estes predicados a mesma centralidade na explicação da revolução social. Ainda assim, nesse caso, a coerência dos argumentos que dão corpo à tese da primazia se mantém.

### ***Karl Marx's Theory of History: três décadas de debate***

O leitor que se aventurar tanto na leitura de KMTM como dos inúmeros artigos publicados em virtude dessa obra, poderá constatar que o debate que a cerca não se limitou ao seu primeiro alvo: “... a interpretação da teoria de Marx da história com uma explicação funcional no seu núcleo” (Carling e Wetherly, 2006, p.146). Com efeito, esse debate abrange um importante conjunto de temas próprios à teoria marxista, retomados pelo marxismo analítico (Roemer, 1993).

Contudo, não são os desdobramentos do marxismo analítico e tampouco as preocupações morais da filosofia de Cohen subseqüentes às teses desenvolvidas em KMTM<sup>3</sup> que constituem o foco deste Dossiê, mas sua tentativa de oferecer uma “versão menos desordenada” do materialismo histórico. O texto de Cohen (1983) que publicamos a seguir, “Forces and relations of production”,<sup>4</sup> foi redigido ainda

---

3 Sobre essa questão em particular, ver a concisa, porém esclarecedora, resenha de Ellen Wood, publicada no site da revista *Carta Maior* (2010), sobre o último livro de Cohen (2009). Agradeço a Caio Navarro de Toledo pelo envio desse texto.

4 Esse texto foi publicado na forma de capítulo no livro organizado por Betty Matthews (1983) e em Roemer (1993).

sob o impacto do lançamento de KMTTH e apresenta uma discussão sobre as teses que tiveram maior repercussão nesse primeiro ciclo de debates.

A defesa de “um materialismo histórico antiquado”, encontrada nas páginas de KMTTH, pode sugerir que Cohen tenha se mostrado “imune às correntes do marxismo ocidental” (Apud. Tarrit, 2006, p.42), cuja principal característica, de acordo com Perry Anderson, é a exploração de “questões exclusivamente superestruturais” (1977, p.109), “afastadas da infraestrutura econômica” (1977, p.105). No entanto, é possível identificar na versão tecnológica de Cohen do materialismo histórico um diálogo – mesmo que ele não o tenha explicitamente admitido – com essas correntes. É o filósofo Grahame Lock (1988) quem, no primeiro artigo deste Dossiê – “Louis Althusser and G. A. Cohen: a Confrontation” –, explicita as coordenadas desse diálogo em confronto. Mesmo que Lock considere tanto Althusser como Cohen os dois grandes filósofos do marxismo contemporâneo, isto por si só não justifica a sua empreitada. Lock formula uma instigante hipótese que traz à tona uma nova possibilidade de leitura das teses de Cohen: a de que KMTTH teria sido, em algum sentido, uma resposta às teses formuladas por Althusser em *Pour Marx* e, sobretudo, *Lire le Capital*.

Tampouco a defesa de “uma concepção tradicional” do materialismo histórico, segundo a qual “a história é, fundamentalmente, o desenvolvimento da capacidade produtiva do homem e na qual as formas de sociedade crescem ou decaem na medida em que permitem ou impedem esse desenvolvimento” (Cohen, 1983, p.XVI) pode ser acusada de economicista. Se o marxismo economicista concebe a mudança histórica como um simples reflexo do desenvolvimento autônomo das forças produtivas e da mudança econômica, essa não seria a visão de Cohen, tal como nos mostra o filósofo político Richard W. Miller (1981) em “Productive Forces and Forces of Change: A Review of Gerald A. Cohen, *Karl Marx's of History: A defense*”. A versão particular de Cohen do *determinismo tecnológico* “... admite que as lutas ideológicas e políticas podem ser essenciais à destruição das velhas relações sociais, embora essas lutas, por sua vez, resultem, em última instância, da obsolescência tecnológica das antigas relações” (Cohen, 1983, p.94). No entanto, segundo Miller, Cohen, diferentemente de Marx, desconsidera a ideia de uma causalidade múltipla para explicar o desenvolvimento das forças produtivas.

A publicação deste Dossiê certamente não pretende preencher a imensa lacuna deixada pela inexistência de uma tradução de KMTTH para o português. A divulgação dos textos que seguem procura, pois – e por meio de um esforço ainda inicial –, incorporar as reflexões acerca da obra de Cohen a um conjunto de discussões concernentes à teoria marxista.

A escolha desses trabalhos procurou, nesse sentido, atender a dois propósitos: 1) Proporcionar ao leitor um contato com as principais teses desenvolvidas por Cohen na primeira versão de KMTTH e, ao mesmo tempo, 2) Publicizar um debate travado acerca dessas teses, cuja discussão problematiza, por meio de um processo de retificação conceitual, os alcances explicativos dessas formulações,

bem como seus limites. Esperamos, assim, poder contribuir para a divulgação, no Brasil, de um debate que, ao menos no que concerne ao mundo acadêmico anglófono, continua *vigoroso e rigoroso*.

P.S. Em 5 de agosto de 2009, durante o processo final de organização do presente Dossiê, deparamo-nos com a notícia do falecimento, aos 68 anos de idade, de Gerald A. Cohen. Professor, desde 1963, do Departamento de Filosofia na University College London (UCL), é indicado em 1985 à cátedra de Teoria Política do All Souls College, Oxford. Nesse mesmo ano, torna-se membro da Academia Britânica. Cohen atuou como professor convidado em várias universidades no mundo, dentre elas Columbia University. Em 2008, torna-se professor emérito em Oxford e é nomeado “*Quain professor*” (título de cátedra de certas disciplinas da UCL) de jurisprudência na University College London.

### Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *Sur le marxisme occidental*. Paris: François Maspero (“petite collection maspero”), 1977.
- CARLING, Alan; WETHERLY, Paul. “Introduction: Rethinking Marx and History”. In: *Science & Society*. New York: Guilford Press, v.70, n.2, 2006.
- COHEN, Gerald A. *La teoría de la historia de Karl Marx: una defensa*. Madrid: Pablo Iglesias, Siglo XXI de España, 1986.
- COHEN, Gerard. A. *Why Not Socialism?* New Jersey: Princeton University Press, 2009.
- ELSTER, John. “Un marxisme anglais. À propos d’une nouvelle interpretation du matérialisme historique”. In: *Annales. Économie, Sociétés, Civilisations*. Paris: Armand Colin, v.36, n.5, 1981.
- LOCK, Grahame Lock. “Louis Althusser and G. A. Cohen: a Confrontation”. In: *Economy and Society*. London: Routledge, v.17, n.4, 1988.
- MATHEWS, Betty. *Marx: A Hundred Years On*. London: Laurence & Wishart, 1983, p.111-35.
- MILLER, Richard W. “Productive Forces and the Forces of Change: A Review of Gerald A. Cohen. *Karl Marx’s Theory of History: a defense*”. In: *The Philosophical Review*. North Carolina: Duke University Press, v.90, n.1, 1981, p.91-117.
- ROEMER, John E. *Analitycal Marxism*. 4.ed. Paris/New York: Maison des Sciences de l’homme/Cambridge University Press, 1993.
- . *El marxismo: una perspectiva analítica*. México: Fundo de Cultura Económica, 1989.
- TARRIT, Fabien. “O materialismo histórico de Cohen: um determinismo tecnológico fadado a uma guinada normativa”. In: *Outubro*. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, n.14, 2006, p.42.
- WOOD, Ellen. “Gerald Cohen: em busca de uma alternativa socialista”. Revista *Carta Maior*, 13 de abril de 2010. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=16528](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16528)>.

LAZAGNA, Angela. Apresentação do debate A Teoria da História de Karl Marx: uma defesa, de Gerald A. Cohen. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.31, 2010, p.57-61.

**Palavras-chave:** Teoria da História; Marx; Gerald Cohen; Materialismo histórico.